



O sujeito pós-colonial na narrativa de Mia Couto

Cristiane Tavares*

Resumo: O autor moçambicano Mia Couto, em seu romance *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, representa o confronto e a tensão provocados pelos conflitos resultantes da política colonial. Sendo assim, notamos como a literatura pós-colonial se preocupa com o peso histórico do colonialismo e com a persistência do projeto colonialista na mentalidade e na ideologia dos sujeitos que vivem em países que antes foram colônia. Este estudo pretende discutir a função da literatura no projeto de construção da identidade nacional africana, bem como analisar os embates identitários entre o sujeito africano e o europeu na obra citada. A partir da análise da presente obra, também apontaremos para discussões que dão conta de fenômenos recorrentes em nossa atualidade, a exemplo da desconstrução de identidades cristalizadas pela tradição e o deslocamento do sujeito contemporâneo.

Palavras-chave: literatura africana; romance; identidade; Mia Couto.

Abstract: The Mozambican author Mia Couto, in his novel *Poisons of God, the Devil's drug*, is the confrontation and tension caused by conflicts resulting from colonial policy. Thus, we see how the post-colonial literature is concerned with the historical burden of colonialism and the persistence of the colonialist project in the mentality and ideology of the individuals who live in countries that once were colonies. This study discusses the role of literature in the construction project of the African national identity, and analyze the conflicts of identity between the African and European subject in the work cited. From the analysis of this work also will point to realize that discussions of recurrent events in our present time, such as the deconstruction of identities crystallized by tradition and the displacement of the contemporary subject.

Keywords: African literature, romance, identity, Mia Couto.

1 Introdução

A sensação de despedaçamento provocado pelos conflitos coloniais nos países africanos de Língua Portuguesa fez com que seus escritores enfocassem a busca da identidade africana, como tema principal de sua produção literária. Contudo, por mais que as várias gerações da historiografia literária africana tenham tentado buscar o equilíbrio, as contradições e a necessidade de afastar os fantasmas resultantes do estrago provocado pelo passado tomam espaço nos textos, mostrando quão grande são as consequências do processo de dominação ao qual foram submetidos.

* Graduada em Letras Vernáculas pela UNEB, Especialista em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana e mestranda do Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural (PPgLDC) da UEFS. O presente artigo é parte integrante do trabalho monográfico intitulado “Embates Identitários em *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, de Mia Couto”, realizado sob a orientação do prof. Dr. Roberto Henrique Seidel.

Sendo assim, a literatura produzida em países como Angola, Cabo Verde e Moçambique, transmitem o peso das contradições pertinentes à estrutura da sociedade colonial, bem como a repercussão da impossibilidade de aproximação entre os “diferentes”, legitimada pelo processo de colonização, como assegura Rita Chaves:

Com vínculos tão fortes com a História, a literatura funciona como um espelho dinâmico das convulsões vividas por esses povos. Nela refletem-se de maneira impressionante os grandes dilemas que mobilizam a atenção de quem tem a África como objeto de preocupação: relação entre a unidade e diversidade, entre o nacional e o estrangeiro, entre o passado e o presente, entre a tradição e a modernidade (2005, p. 221).

Na ânsia de construir uma literatura nacional, os escritores utilizam aspectos que possam conferir especificidade à sua produção, para que assim possam torná-la distinta. Por isso, esses não se limitam apenas ao discurso de exclusão e fazem conexões com os diversos âmbitos da cultura de seus países e sua relação conflituosa com a cultura europeia.

Em *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, romance do escritor moçambicano Mia Couto, publicado em 2008, o autor problematiza a estigmatização dos bens culturais, causada pela situação colonial. As histórias antagônicas que permeiam sua narrativa revelam a necessidade de denunciar e sanar os males que acometem o país.

Esse romance é parte integrante do projeto de reconstrução da identidade de Moçambique, país saído recentemente da guerra civil e que, assim como os demais antigos territórios coloniais africanos, é culturalmente multifacetado. Trata-se de uma obra na qual os personagens possuem uma complexidade psicológica e identitária, representativa do mal-estar incitado pela ideologia colonial.

Partindo dessa premissa, este estudo pretende analisar os embates identitários entre o sujeito africano e o europeu no romance *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, de Mia Couto, tomando, assim, tais reflexões para discutir a função da literatura no projeto de construção da identidade nacional moçambicana.

2 O sujeito pós-colonial na narrativa de Mia Couto

Os debates contemporâneos sobre a identidade cultural nos países colonizados – fundamentados, sobretudo, pelas propostas mais recentes dos Estudos Culturais – continuam fomentando questionamentos acerca das polêmicas geradas pela multiplicidade de discursos produzidos sobre a ideia de nação e sujeito. Nesse contexto, o termo pós-colonial passa por diversas revisões com o fim de que seja possível desmistificar e superar os discursos hegemônicos representados pelo pensamento eurocêntrico em relação à África.

O termo pós-colonial, utilizado anteriormente em sua acepção cronológica, representava o período pós-independência das colônias, mascarando assim os efeitos e legados do processo de colonização. Contudo, diante da inviabilidade de pensar o termo sob o ponto de vista histórico, já que o fim do colonialismo não significou, na prática, a independência dos países que haviam sido colonizados pela Europa, tampouco o remate dos conflitos e da imagem de estigmatização dos sujeitos envolvidos no processo violento da Colonização, esse conceito sofre um alargamento e, segundo Schimdt, passa a

[...] significar uma ampla gama de experiências políticas, culturais, e subjetivas, que se deslocam no tempo (pré e pós-colonial) e se situam em diferentes lugares. Há hoje uma pluralidade muito heterogênea de posições subjetivas, lugares geográficos, ponto de vista teóricos e políticos e empreendimentos críticos a partir dos quais o pós-colonial pode ser pensado (SCHIMDT . 2011. p. 137).

Ao discutir acerca da confusão que se tem feito em relação ao uso do termo pós-colonial, Stuart Hall alerta para o fato de que o termo não se restringe a uma ou outra nação ou sociedade e também não se aplica com o mesmo sentido para todos os países. Isto porque cada país passou por um tipo de experiência colonial diversificada e, portanto, suas experiências pós-coloniais, da mesma forma, podem variar em diversos aspectos. Sendo assim, para Hall, o termo pós-colonial “se refere ao processo geral de descolonização que, tal como a própria colonização, marcou com igual intensidade as sociedades colonizadoras e colonizadas (de formas distintas, é claro)” (HALL, 1997. p. 101).

Nesse sentido, já que não é possível falar em processos de colonização uniformes, de tal maneira não é aceitável que falemos de um sujeito pós-colonial único. Cada processo histórico resultou em identidades culturais específicas, o que não nos impossibilita, por exemplo, estabelecer comparações de igualdade entre os povos colonizados do Brasil com os das ex-colônias africanas, mesmo sabendo que todas passaram por situações de dominação semelhantes.

Segundo Hall, é preciso compreender que as identidades são construídas dentro dos discursos e “emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais produto da marcação da diferença da exclusão do que do signo de uma unidade idêntica” (HALL, 2007. p. 109). Partindo desse pressuposto, mesmo que a vontade de unificação das nações colonizadas tenha sido imposta por meio de um processo de conquista violento, as identidades do sujeito pós-colonial são marcadas por diversos elementos que dizem respeito à sua história, à classe social e sociedade a que são pertencentes, ao gênero ou etnia.

Levando em consideração o caráter múltiplo e fragmentado das identidades do sujeito pós-colonial, este trabalho tomará como ponto de partida o romance *Venenos de Deus*,

remédios do Diabo de Mia Couto, a fim de discutir como esta obra ilustra o embate entre os sujeitos envolvidos no processo de colonização, bem como de que maneira o legado do passado colonial se faz presente nesse contexto.

O referido romance problematiza os discursos sobre a construção da identidade africana. A narrativa coloca em pauta tópicos que compõem a discussão sobre as identidades nacionais, como a língua, as narrativas históricas e a tradição. Embora os discursos fabricados sobre a reconstrução das nações, que foram vítimas das forças coloniais, divulguem a imagem de que os povos envolvidos nesse processo possuíram uma relação harmônica, a obra aqui analisada apresenta tensões que apontam para o fato de que os conflitos existentes entre colonizador e colonizado não chegaram ao fim com a descolonização.

Mesmo vivendo num contexto pós-independência, a Vila Cacimba, ambiente em que ocorre a narrativa, é marcada pela contradição. Mia Couto explora a multiplicidade étnica de Moçambique, trazendo à tona um entrelaçado de culturas que coexistem num mesmo espaço, o que ocasiona quase sempre choque e preconceito.

A multiplicidade é uma característica presente na obra, uma vez que a relação entre os personagens é assinalada pela diversidade étnica. Bartolomeu, negro, casou-se com Dona Munda, mulata de descendência alemã. Da união do casal nasce Deolinda que, ao visitar Portugal, se apaixona por Sidónio, médico português. Contudo, essa hibridização é, por vezes, encarada com muita resistência, motivando conflitos e fazendo emergir rancores e ressentimentos entre os representantes dessas etnias estigmatizadas por acontecimentos históricos, sobretudo pelas cicatrizes do sistema colonial.

Temos, na presente obra, a apresentação de alguns traços coloniais que ainda marcam a convivência dos seres resultantes desse processo. Entre os vestígios do passado, estão as relações de poder instauradas pelo processo violento da colonização que implicam diretamente na forma como o negro e o branco veem a si próprios, bem como cada um vê o outro. O aspecto da representação de superioridade entre etnias é colocado em primeiro plano em diversos contextos da narrativa. O próprio casal Bartolomeu e Dona Munda precisam afrontar suas respectivas famílias para poderem se casar, simplesmente pelo fato do ex-mecânico ter a pele negra e por Dona Munda, por ser considerada “mulata”:

Dona Munda é mulata. Na região não se conhece uma outra mestiça que tenha casado com um negro. Ela deu o passo com coragem. Teve que romper com a família que a acusou de “fazer a raça andar para trás”. Bartolomeu Sozinho também foi obrigado a cortar laços com os seus. Trazer uma mulata para o seio das famílias era uma ousadia, mais que isso: uma traição. “Mas

ela é quase negra”, ainda argumentou. “Os mulatos são pretos só lhes convém”, foi a resposta (COUTO, 2008, p. 31).

No dia em que ele se apresenta para a família da noiva, argumenta que não é preto, mas sim “extremamente mulato” (COUTO, 2008, p. 31). A cor da pele representa, nesse caso, o pretexto para o questionamento de uma lógica preconceituosa, que utiliza não somente ascendência étnica, como também a aparência como pretexto para promover manifestações discriminatórias. Isso deixa subentendida a controvérsia em relação à cor e classificação étnica dos personagens, posto que é quase impossível determinar quem é negro ou não num país que tem em sua constituição a contribuição de várias etnias.

O fato é que, como é possível ler na fala de Bartolomeu, assumir-se negro significa admitir um lugar de subalternidade, por isso é melhor ser “extremamente mulato”. Esse sentimento de inferioridade fica latente no momento em que o ancião pede ao médico que o mate, lançando mão da justificativa que precisava “valorizar a única riqueza que lhe restava”. Para tanto, teria que ser morto “por um branco” (COUTO, 2008, p. 54).

Nesse momento, constatamos o quanto a influência negativa da visão eurocêntrica de mundo perpassa a identidade dos sujeitos colonizados que acabam também assimilando a visão de mundo do próprio colonizador. Entretanto, enquanto o ancião Bartolomeu representa e defende o regime colonial, o seu antagonista, Suacelência, administrador da Vila, embora inicialmente aparente não passar de um político autoritário e corrupto, ressalta a hipocrisia e a falsidade da ditadura Salazarista quando tentava camuflar o racismo nas colônias portuguesas.

Apesar dos dois personagens acima terem sido tripulantes do transatlântico, eles possuíam divergências, sobretudo, pela visão mais lúcida e crítica que o segundo exterioriza sobre o oportunismo do regime colonial. Isso é possível perceber no comentário do narrador sobre a necessidade dos dominantes convencerem a opinião pública internacional de que não havia discriminação nas colônias:

[...] Quando Bartolomeu desembarcava do *Infante D. Henrique*, as pessoas olhavam-no como um herói que vencera horizontes. Suacelência minimizava-lhe os efeitos dizendo: “Ora, esses colonos precisavam de um preto decorativo”. Não era por méritos próprios que o mecânico seguia no navio. Ele era tripulante apenas como instrumento de uma mentira: de que não havia racismo no império lusitano (COUTO, 2008, p.26).

Os rancores e ressentimentos causados pelo contexto pós-guerra civil são exaltados no romance sempre que há desentendimento entre os envolvidos, reafirmando que, apesar da necessidade de coexistências entre as diferentes etnias, as feridas resultantes da relação entre dominador e dominado ainda sangram.

Um exemplo claro disso são os lapsos racistas, perceptíveis no momento de desconfiança ocorrido entre o ex-mecânico e o médico português:

Ficam em silêncio. “Cabrão preto”, pensa o português. E logo se envergonha do pensamento. Raio de lapso racista, como é possível ter pensado uma coisa destas? Talvez seja melhor retirar-se, deixar que o ar fresco lhe esfrie os nervos (COUTO, 2008, p. 93-94).

Embora o velho Bartolomeu viva a exaltar a glória dos portugueses, demonstra quase sempre dúvida sobre a verdadeira intenção do médico. Enquanto que este se sente inseguro, pois sabe que carrega consigo o estigma de sua terra. Esse fato mostra que, no fundo, Bartolomeu compreendia a relação de poder que permeava o contexto colonial, bem como o real sentimento existente entre “África” e “Portugal”.

- O senhor chegou aqui a perguntar se gostávamos dos portugueses, todos os dias perguntava a mesma coisa...
- E qual o mal?
- Nunca em Portugal eu perguntei se os portugueses gostavam dos africanos. E sabe por quê?
- Não.
- Tinha medo de perguntar porque já sabia a resposta.
- Tudo isso mudou muito. Portugal, agora, é um outro país.
- As pessoas demoram a mudar. Quase sempre demoram mais tempo que a própria vida... (COUTO, 2008, p. 165).

Fica evidente que o velho mantém uma relação de conveniência com o português, pois tem dúvidas quanto à real intenção do médico ao conceder-lhes certos privilégios. Essa desconfiança sobre o médico é explícita neste diálogo entre Bartolomeu e Dona Munda:

- Vim aqui para lhe fazer uma pergunta: você nunca desconfiou desse médico?
- Você, Bartolomeu, você sempre cuspiu no parto da comida. Com esse português, nós só temos razões para ficar agradecidos.
- [...]
- Pois eu desconfio, Mundinha. E tenho razões. Nunca ninguém, nem lá, na cidade dos ricos, teve assistência tão domiciliária.
- Um ingrato é que você é.
- Já se perguntou, Mundinha: que sorte nos veio calhar aqui, neste fim de mundo, a nós que nunca tivemos Doutor nenhum?
- E não merecemos essa sorte?
- Nunca nos calhou coisa nenhuma, agora tomba do céu este português cheio de simpatias?!? Hein, Mundita, ou foi você que andou a cravar Deus com esses especiais favores? (COUTO, 2008, p. 99-100).

A insegurança do português e a desconfiança do africano refletem a extensão dos impasses provocados pelas relações que se processaram no contexto de violência que marcam a existência desses dois povos. O discurso sobre a nação portuguesa, assim como seus feitos, são sombras que acompanham o médico e interferem diretamente na forma como o outro o vê.

Sobre a construção do discurso acerca da nação, Hall assevera que:

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de constituir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais ao produzir sentido sobre “a nação”, sentido com os quais podemos nos identificar, constroem identidades (HALL, 2005, p. 50-51).

Do português, acaba sendo cobrada a dívida deixada pelo processo de colonização e, por mais que este tente entender e conhecer Vila Cacimba, esse não é o lugar do médico e parece jamais poder ser, como assevera o narrador: “No fundo, o português não era uma pessoa. Ele era uma raça que caminhava, solitária, nos atalhos de uma vila africana” (COUTO, 2008, p. 116).

O europeu é tratado também como um colonizador, como se a nação a que faz parte estivesse impregnada no seu gen. Ele é aquilo que o seu país instituiu enquanto representação. Sendo assim, os fatos do passado são constantemente evocados, dando lugar às demonstrações de ressentimento e culpa entre os sujeitos europeu e africano:

- Sonhei que o senhor entrava no meu quarto. Trazia uma seringa na mão. Afinal, junto à luz, percebi que não era uma seringa: era uma pistola.
 - Uma pistola?
 - Fantástico, não é, Doutor?
 - Acho estranho.
 - Talvez não seja tão estranho assim, se pensarmos que seus antepassados traziam pistolas e espingardas para nós matar, a nós, africanos.
 - Tenho tanto a ver com essa gente como você.
 - Calma doutor, não se enerve são fatos históricos...
 - Desculpe, meu caro, mas estou muito cansado e esta hora já é tardia para fatos históricos.
- (COUTO, 2008, p. 93-94)

Em seguida, o ex-mecânico compara o comportamento do médico de não chamá-lo pelo nome completo ao objetivo dos colonizadores de roubar a identidade dos escravos:

- Dá-me licença, eu preciso sair. Está a ouvir Bartolomeu?
 - Viu? Voltamos outra vez ao passado. O senhor como é que me chamou?
 - Como é que o chamei? Ora essa, chamei-o de Bartolomeu. Não é o seu nome?
 - O meu nome é Bartolomeu Augusto Sozinho.
 - Você também me chama apenas de Sidónio.
 - Doutor Sidónio. Eu lhe chamo de Doutor Sidónio.
- (COUTO, 2008, p. 93-94)

Para Rita Chaves (2005, p. 248), “no palco da colonização, os confrontos entre dois universos culturais, entre dois modos de ver e estar no mundo, foram constantes e assumiram, muitas vezes, a forma de conflito”. Esses conflitos, como podemos observar, ultrapassam as barreiras do tempo e se fazem ecoar na contemporaneidade.

Essas duas formas de ver o mundo são postas em choque constantemente no romance, através de situações banais do cotidiano que demarcam as diferenças culturais entre os dois

personagens. Durante a narrativa, ocorrem situações de estranhamento em relação aos costumes do “outro”.

A Língua Portuguesa é outro elemento importante presente no embate entre Sidónio e Bratolomeu. Símbolo maior da dominação portuguesa e exclusão dos africanos, posto que foi negada à eles, por muito tempo, até ser assumida como “língua oficial” e ser utilizada como instrumento de reivindicação de direitos e reconstrução da identidade nacional por escritores e poetas, como afirma Rita Chaves:

A escrita projeta-se como principal veículo de denúncia de uma situação injusta e injustificada para as suas vítimas. As angústias e as queixas exprimem-se na imprensa, manifestando-se em reivindicações que revelam também o desejo de interlocução com quem detinha o poder de legitimar os direitos reclamados. [...] os primeiros textos se caracterizavam pelo esmero na utilização da língua portuguesa. Não tardou, porém, que se firmasse a necessidade de amplificar os ecos da insatisfação, procurando envolver um maior número de atingidos pela discriminação (CHAVES, 2005, p. 253).

A língua é apresentada, na obra, tanto como exemplo da multiplicidade identitária que caracteriza o ser africano, quanto como instrumento de dominação do europeu. Isso fica claro quando Bartolomeu utiliza expressões herdadas pelas línguas africanas para falar mal do médico e este, por sua vez, pede que fale em português, justificando ser esta a verdadeira língua do africano:

- Menzugu wa matudzi¹
- o que disse?
- Falei na minha língua.
- A sua língua é o português!
- Como diz, senhor doutor? Ininkabepiva, taiu (COUTO, 2008, p. 93).²

Nesse momento, o médico português encarna a figura e o discurso ideológico do dominador, que em face do projeto de colonização, tentava impedir que as diferenças étnicas, linguísticas e/ou raciais atrapalhassem seus planos.

O que se percebe, no entanto, é que há uma relativização das verdades construídas historicamente. Afinal, todos os personagens não são, na realidade, o que parecem ser. O próprio europeu, colocado também como vítima dos conflitos resultantes do passado colonial, finge ser médico, mas não tem autorização para praticar tal ofício.

Desse modo, o jogo de verdades e mentiras que compõe a narrativa é reflexo da relação conflituosa do homem moçambicano e do peso das contradições sobre a qual se estruturou a sociedade colonial que repercutia a impossibilidade entre a diferença.

¹ Conforme nota presente na obra, trata-se de uma língua chinesa falada no centro de Moçambique. A expressão significa “porcaria de branco” (língua chinesa, falada no centro de Moçambique).

² Significa “eu não entendo” (língua chinesa).

O personagem Bartolomeu, ao afirmar ter este ficando branco por falar a Língua portuguesa, reafirma a tese de Stuart Hall (1999, p. 63) de que “raça é uma categoria discursiva e não biológica”. Isso significa dizer que a identidade é definida historicamente, pois o sujeito assume identidades diversas e contraditórias em diferentes momentos.

O romance estudado é um exemplo de como a literatura moçambicana se preocupa com o peso histórico do colonialismo e com a persistência do projeto colonialista na mentalidade e na ideologia dos sujeitos participantes desse processo. Contudo, isso não é feito com o intuito de procurar os alçozes do conflito, mas sim com o objetivo de “examinar essas questões como uma rede de histórias interdependentes”, como afirmou Said (1995, p. 51) ao tratar de como deve se portar o crítico diante do debate sobre a relação de dependência que permeia as nações que foram dominadas.

Mia Couto nos mostra que os conflitos entre essas etnias não cessaram após a Revolução de 25 de Abril e que o processo de descolonização apresenta-se num movimento paralelo ao de reconstrução das identidades desses sujeitos. Isso porque a carga de alteridade produzida no sujeito colonizado, assim como na vida cultural de um modo geral, foi devastadora, contaminando a história cultural dos indivíduos pós-coloniais, mesmo depois da independência.

Foi possível perceber também que todo esse processo histórico não afetou somente o colonizado, mas também o colonizador, representado no romance por meio da figura de Sidónio Rosa. O médico português depara-se, mesmo que involuntariamente, com valores e posturas que o remetem à situação de superioridade em relação ao ser africano. Este, contudo, apesar de exaltar a cultura do europeu, não se deixa anular em face da posição privilegiada de seu oponente.

O caráter crítico da narrativa de Mia Couto, ao tratar da questão pós-colonial, expressa uma conformidade com os pressupostos estabelecidos por Homi K. Bhabha. Ao tratar sobre as especificidades das poéticas pós-coloniais, Bhabha afirma que “[...] Elas intervêm naqueles discursos ideológicos que tentam dar uma ‘normalidade’ hegemônica ao desenvolvimento irregular e às histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades, povos” (BHABHA, 1998, p. 239).

A construção das identidades dos sujeitos pós-coloniais, portanto, se dá por meio do cruzamento da dúplici identidade: a do sujeito colonizado e a do colonizador. Dessa forma, é possível reafirmar que esses sujeitos são constituídos de traços da cultura de seus ancestrais, mas também assimilam a perspectiva de mundo do colonizador.

Ao tematizar a questão da identidade do sujeito pós-colonial de forma crítica e sem tentar mascarar as diferenças e os conflitos existentes em seu país, Mia Couto demonstra a consciência do importante papel que assume enquanto escritor, tanto na representação internacional de sua pátria, quanto na trajetória e fortalecimento da literatura africana de língua portuguesa.

Referências

- BHABHA, Homi K. *O Local da cultura*. Trad. Myrian Ávila, Eliana Lourenço Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia – SP: Ateie Editorial, 2005.
- COUTO, Mia. *Venenos de Deus, remédios do Diabo: as incuráveis vidas de Vila Cacimba*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCHIMDT, Simone. *Onde está o sujeito pós-colonial? (Algumas reflexões sobre o espaço. e a condição pós-colonial na literatura angolana)*. Disponível em < www.uff.br/revistaabril/revista-02/012_simone%20schmidt.pdf >. Acesso em 27 abr. 2011.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007.